**Cidade Inventada: táticas do cotidiano constituindo uma multidão de inventos**

Por Natacha Rena

Este texto foi escrito para compor o relatório de uma pesquisa realizada sob minha coordenação e da Professora Cássia Macieira na Universidade FUMEC entre os anos de 2000 e 2002. Durante mais de um ano visitamos sistematicamente a pequena favela, Vila Ponta Porã em Belo Horizonte mapeando os inventos dentro e for a das casas dos moradores. Foi um exercício importante para uma equipe de alunos e tínhamos a hipótese de que arquitetura e design são mais potentes quando inventadas no cotidiano e que a criação não tem nenhuma relação com a universidade e com o ensino formal, mas é própria do ser humano. Mais tarde, parte deste texto foi utilizado para compor artigos realizados a partir de um programa de extensão no Jardim Canadá denominado DESEJACA e estão publicados em dois livros lançados pelo JACA. Também teremos um livro publicado neste ano de 2015 que será o resultado de tudo o que desenvolvemos envolvendo este Programa e que contará com parte deste raciocínio de que os inventos são biopotência do homem comum e que qualquer um inventa e pode inventar o espaço em que vive.

\*

**Cidades Rizoma**

Torna-se impossível pensar as cidades contemporâneas a partir da velha dicotomia local x global, ou mesmo tentando estabelecer seus limites geográficos, políticos, econômicos e culturais claramente. Segundo Félix Guattari, há um *arquipélago de cidades* - subconjuntos de grandes cidades ligados por meios de comunicação o que torna possível pensar a cidade atual como cidade-mundo do capitalismo contemporâneo que se desterritorializou a ponto de explodir seus diversos constituintes sobre toda a superfície de um rizoma multipolar urbano que envolve todo o planeta (GUATTARI, 1993, p.171).

“O mundo conexionista é inteiramente rizomático, não finalista, não identitário, favorece hibridismos, a migração, as múltiplas interfaces, metamorfoses etc” (PELBART, 2003, p.39).

A noção de *Império,* proposta por Michael Hardt e Antônio Negri, ressalta, além do fim da dicotomia local X global, a dissolução de valores nas formas de apreensão privada e individual: “com o surgimento do Império, já não nos confrontamos com mediações locais do universal, mas com o próprio universal” (HARDT; NEGRI, 2001, p.37). Para os autores, há um conexionismo universal que impossibilita pensar o local e o global de forma dicotômica. Nem mesmo as proposições de um projeto pontual para um determinado lugar dizem respeito somente àquele local de inserção. Nesta *cidade-mundo* do grande *Império* as conexões atravessam as fronteiras territoriais dos estados-nação e toda mudança gerada em cada nó do rizoma[[1]](#footnote-1) multidirecional que conforma as cidades em rede planetária, todo o sistema interconectado se move, tudo se transforma.

Para Ignasi Solá-Morales (1994), pensar a situação atual seria entender que as metrópoles contemporâneas são *a*-centradas e rizomáticas, e que, mais do que conjuntos de cidades planejadas e de arquiteturas ordenadas, o que existe são conglomerados justapostos que tornam difusos não só os limites entre local e global como também, entre o público e o privado. A fragilidade urbana, a velocidade de transformação dos territórios e a instabilidade constante das fronteiras ameaçam imobilizar arquitetos e urbanistas, e ao mesmo tempo, incitam discussões que acabam por engendrar novas estratégias de intervenções urbanas (SOLÀ-MORALES, 1994, p.31-37).

Dentre todas as territorialidades que conformam as cidades neste mundo conexionista, o evento da favela[[2]](#footnote-2) talvez seja o que mais evidencia a instabilidade movente das fronteiras territoriais urbanas. A incapacidade para controlar o seu crescimento por parte do poder público e a falta de consenso para construção de um campo teórico que subsidie a atuação de arquitetos, designers e urbanistas nestas áreas vêm instigando uma ampla discussão que envolve grupos heterogêneos de participantes, de sociólogos a economistas, de arquitetos e urbanistas a designers.

“A cidade historicamente existe em função de uma circulação, de entradas e saídas cuja incumbência é fazer passar fluxos. Como o sugerem Deleuze e Guattari, ela faz com que aquilo que nela entre esteja suficientemente desterritorializado para introduzir-se na rede, submeter-se à polarização, seguir o circuito de recodificação urbano e viário. Assim, a cidade é rede, multiplicação, fluidez, escape, dispersão. Ela é relação com o fora, ou mais radicalmente ela é a própria Forma de exterioridade. Por essas características todas, contrapõe-se inteiramente ao Estado. (...) Se a cidade é inseparável de sua própria relação com outras cidades, com sua exterioridade, com as redes das cidades, o Estado tende, ao contrário, a uma espécie de totalização, de fechamento, de redundância. A forma-cidade é escape, exterioridade, dispersão, a forma-Estado é totalização, interioridade, estratificação.” (PELBART, 2000, p.46)

Se, de acordo com Pelbart, a própria cidade é já uma *Exterioridade*, um *fora* que luta constantemente contra o Estado, sendo assim, a própria favela – cidade informal - seria uma das principais potências que *forçam* esta cidade formal, aparentemente codificada, planejada e legislada, para fora de seus limites. Ela é algo que surge *nos interstícios* da cidade formal como *linhas de fuga* que a atravessam. As favelas, enfim, são um forte sintoma de que processos constantes de desterritorialização são exercidos como *dispersão* e *escape* para além dos padrões legais urbanísticos estabelecidos pela *forma-Estado*. A favela seria mesmo uma *máquina de guerra* contra o aparelho de estado; um *plano de composição* formado por elementos desbaratados crescendo em meio ao *plano de organização* - cidades planejadas e administradas pelo poder público e financeiro; uma configuração urbana disforme detentora da potência de um *devir minoritário* e resistente em meio ao *majoritário* da cidade formal controlada e controladora.

Esta cidade informal - composta de *essências nômades* - com seu fluxo intenso de moradores sem trabalho estável, sem endereços *corretos* - surge, cresce e invade a cidade formal com suas construções disformes, moventes, coloridas e efêmeras. Segundo Paola Jacques Berenstein (2001), os primeiros barracos das favelas são construídos com fragmentos, *patchwork*, e seu objetivo é apenas abrigar. Estas construções são sempre provisórias, inacabadas e estão prontas para mutações. Não há projeto, os materiais são recolhidos e criativamente ajuntados conformando tanto locais para morar quanto objetos de uso cotidiano. Há uma constante descoberta de sobras, uma bricolagem de fragmentos heterogêneos, o que transforma o design das roupas, das casas, das sinalizações, dos interiores e dos espaços públicos em artifícios fragmentados. Há um contínuo estado de incompletude, uma dimensão aleatória de resultado acidental. “Partimos, no primeiro estágio de análise, de constatações formais simples: os barracos das favelas são compostos de fragmentos; a aglomeração de barracos forma labirintos; estes por sua vez, se desenvolvem pela cidade como rizomas.” (JACQUES, 2001, p.5).

“Além de fazerem parte do nosso patrimônio cultural e artístico, as favelas vão se formando através de um processo arquitetônico e urbanístico vernáculo singular, que não somente difere do dispositivo projetual tradicional da arquitetura e urbanismo eruditos – seria mesmo seu oposto -, mas também se investe de uma estética própria, com características peculiares, completamente diferente da estética da cidade dita formal.” (JACQUES, 2001:13).

“A lógica da construção de um abrigo numa favela é a mesma que preside a fabricação de uma colcha de retalhos, feita com pedaços de tecidos disparatados, costurados uns nos outros (patchwork)” (JACQUES, 2001, p.26), assim como para Deleuze e Guattari, no patchwork não há um centro, como o rizoma. O espaço liso do *patchwork* mostra que o ‘liso’ não quer dizer homogêneo; ao contrário, é um espaço amorfo, sem forma, informal, e, segundo os autores, o liso seria ao mesmo tempo o objeto por excelência de uma visão aproximada e o elemento de um espaço háptico (que pode ser visual, auditivo, tanto quanto tátil). Ao contrário, o estriado remeteria a uma visão mais distante, e a um espaço mais óptico – mesmo que o olho, por sua vez, não seja o único órgão a possuir esta capacidade (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.203).

“Ao contrário do mar, ela é o espaço estriado por excelência; porém, assim como o mar é o espaço liso que se deixa fundamentalmente estriar, a cidade seria a força de estriagem que restituiria, que novamente praticaria espaço liso por toda parte, na terra e em outros elementos – fora da própria cidade, mas também nela mesma. A cidade libera espaços lisos, que já não são só de organização mundial, mas os de um revide que combina o liso e o esburacado, voltando-se contra a cidade: *imensas favelas* móveis, temporárias, de nômades e trogloditas, restos de metal e de tecido, *patchwork*, que já nem sequer são afetados pelas estriagens do dinheiro, do trabalho ou de habitação.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.189).

Mas, esta dispersão, esta característica nômade e rizomática das favelas, é uma das coisas “que o Estado não pode tolerar” (PELBART, 2003, p.39), porque elas são como uma *singularidade qualquer* não se constituindo como réplica espelhada do próprio Estado e tornando-se uma formação não reconhecível.

Como reação conservadora e na tentativa de manter um tal poder de controlar a cidade que não pára de fazer surgir as contradições sociais, políticas, culturais e econômicas, é que o poder público desenvolve em toda parte mecanismos de controle. Os Planos Globais Especiais[[3]](#footnote-3), que surgiram em Belo Horizonte em 1995, são um bom exemplo de uma saída para a regulamentação das favelas e vilas com o objetivo de flexibilizar a legislação. Eles pretendem englobar urbanismo, regularização fundiária e ação social atuando nas etapas de levantamento, diagnóstico e prognóstico ou proposta de intervenção e, propõem um modelo de planejamento interdisciplinar contando com a participação de sociólogos, arquitetos, urbanistas, assistentes sociais, grupos de lideranças locais, etc. Porém, explicitamente, *há um interesse público em ordenar a ocupação* destas regiões *ocupadas desordenadamente por população de baixa renda e o* que ocorre é que, eles tentam organizar e legitimar o que não é organizado nem pretende legitimidade.

“Mas as favelas já não fazem parte da cidade há mais de um século? Será necessária a sua integração formal? Não seria uma imposição autoritária de uma estética formalista visando à uniformização do tecido urbano? Por que não assumir de uma vez a estética das favelas sem as imposições estéticas, arquitetônicas e urbanísticas dos atuais projetos de urbanização, que acabam provocando a destruição da arquitetura e do tecido urbano original da favela para criar novos espaços sem identidade própria, dos quais, muitas vezes, a população local não se apropria, e que ficam rapidamente deteriorados e abandonados? Por que o modelo do bairro é sempre o exemplo a ser seguido em detrimento do inventivo e rico, tanto cultural quanto formalmente, processo espacial da favela? Por que não buscar respeitar a especificidade da favela, tentando aprender com a sua complexidade cultural e riqueza formal?” (JACQUES, 2001, p.14)

Para a autora, conceder um status estético às favelas, ajudaria a entender melhor o seu dispositivo espacial próprio e poderia “também contribuir para pôr em xeque alguns antigos (pre)conceitos da própria arquitetura erudita como disciplina e prática profissional.” (JACQUES, 2001, p.12).

Porém, o que se percebe a cada intervenção arquitetônica em favelas, é que os processos de análises do lugar, assim como os projetos resultantes destas análises, surgem importados do ambiente da arquitetura erudita. Há uma intenção deliberada de assepsia em todos os níveis. Ruas são alargadas, residentes deslocados de seus barracos e relocados em apartamentos padrão, eixos de visadas estabelecidas, arma-se, enfim, um sistema de controle e visibilidade. Todo um *espaço liso*, livre, rizomático, sem eixos perspectívicos e apenas de visões aproximadas, é transformado em *espaço estriado*. Surgem edifícios que se baseiam nos padrões convencionais de moradia – conhecidas habitações populares – que simplesmente reproduzem formas pré-concebidas de urbanismo e habitação.

É claro que há uma via de mão dupla nestes processos de estriagem e alisamento nas regiões urbanas. O espaço liso não pára de se estriar e vice-versa.

“O espaço liso e o espaço estriado, - o espaço nômade e o espaço sedentário, - o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de estado, - não são da mesma natureza. (...) os dois só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.179-180).

Muitas relações de poder estão presentes na cidade informal: traficantes controlam territórios e pontos de venda de drogas nas fronteiras com a cidade formal; líderes comunitários tentam organizar junto ao poder público algumas atividades solidárias muitas vezes mascaradas por intenções que contribuem para especulação mobiliária ou para ações de vigilância da polícia; agentes imobiliários cobram taxas de aluguel altíssimas além de estabelecer um ramo de negócios bastante lucrativo na compra e vende de barracos; igrejas de diversas crenças adotam métodos de controle atuando para construir parâmetros rígidos de conduta e arrecadação de *dízimos*. Já, na cidade formal o *alisamento* surge intermitentemente e por toda parte nas *linhas de fuga* geradas por tudo que foge ao controle da legislação e da legalidade. Há uma complexa transformação sempre híbrida entre cidade formal e informal: uma não pára de se transformar na outra...

Nem o estado, nem o capital, conseguem deter a invasão da informalidade dentro dos limites territoriais pré-establecidos da cidade formal. Mendigos, sem-teto, traficantes, prostitutas, ladrões, camelôs, bicheiros, seriam possíveis revelações de que algo, ou muito, escapa ao controle da lei? Estas não seriam o que se poderia chamar de *resistências fracas*, não intencionadas politicamente; resistências sem estratégias, mas extremamente táticas? Resistências não mais organizadas e coordenadas por partidos políticos ou movimentos organizados. Resistências entendidas aqui não como contrapoder consciente, como o que escapa e desvia dos padrões convencionados pela legislação.

“... o contexto pós-moderno suscita posicionamentos mais oblíquos, diagonais, híbridos, flutuantes. Criam-se outros traços de conflitualidade. Talvez com isso a função da própria negatividade, na política e na cultura, precise ser revista. Certas dinâmicas urbanas (nomadismos minoritários, êxodo e evacuação de lugares do poder) exemplificam essa mutação na lógica de resistência, indo além das figuras clássicas da recusa. Mas como elas funcionam no contexto das novas segmentações, sobretudo num país como o Brasil, com sua herança histórica, em que regimes diversos de exclusão e segmentação se sobrepõem? O que é contrapoder, nesse contexto sem exterioridade, e na lógica imanente do poder atual? E à luz disso, como redefinir a resistência hoje?” (PELBART, 2003, p.136).

Questões importantes surgem para a arquitetura e o urbanismo atuais: seriam as favelas hoje, bolhas urbanas como *resistência* aos regimes demagogicamente democráticos, porém, excludentes e sectários? As atitudes destes favelados, que permanecem ilegalmente dentro das áreas mais valorizadas do contexto urbano, seriam táticas subversivas que driblam constantemente a lógica dos detentores da especulação imobiliária dominante nos grandes aglomerados urbanos atuais? A própria existência da favela já não seria um forte sintoma de que as relações hierárquicas de poder urbanas têm enormes falhas?

Não seria extremamente importante o desenvolvimento de novas cartografias, moventes, que dessem conta dos processos de crescimento das favelas nas cidades contemporâneas, revelando a força atuante e incontrolável da cidade informal que não pára de crescer em meio à cidade formal?

A criação de novos mapas teóricos, mais criativos e menos convencionais, capazes de registrar e mapear as favelas a partir de novos modelos de representação e também de apresentação gráfica, não seria fundamental para que arquitetos e urbanistas pudessem atuar de forma mais coerente na concretização de projetos de intervenção, criando propostas mais flexíveis e menos determinantes?

“Mas como cartografar igualmente as estratégias de reativação vital, de constituição de si, individual e coletiva, de cooperação e autovalorização das forças sociais avessas ao circuito formal da produção? Como acompanhar as linhas de êxodo e desinvestimento ativo dos ‘excluídos’ ? (...) Além de recusar o sistema de valores e de exploração hegemônicas, como cria ela suas próprias possibilidades irredutíveis, mesmo quando isso é feito a céu aberto, nem que o Imperador esteja por perto, à espreita para capitalizar aquilo que dele escapa?” (PELBART, 2003, p.27).

\*

**Cartografando Inventos**

Para Gabriela Gusmão Pereira (2002), existe nestes inventos cotidianos de cidadãos carentes um modo precário, mas efetivo, de confecção de artefatos que surgem de um impulso de criação, “casos em que um estado de carência e de privação força o indivíduo a desenhar estratégias para sobreviver”(PEREIRA, 2002, p.19).

Entende-se que é de extrema importância cultural e social a revelação de táticas de reemprego de produtos mais do que na beleza exótica de formas e imagens destes. Não se trata de levantar objetos, edifícios, interiores, roupas e cartazes aparentemente diferentes dos que são veiculados na cidade formal para servirem de referência imagética na criação de produtos de consumo no futuro. “Não procuramos estudar as formas, mas sim os processos que (trans)formam.” (JACQUES, 2001: 15)

Evitar um olhar apenas estético-formal sobre inventos cotidianos (arquitetônicos e de design), mas um olhar astuto para apreender novas tecnologias, menos científicas e mais experimentais, menos estratégicas (planejadas) e mais táticas (de ocasião). Táticas, que sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se finca no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo e é determinada pela ausência de poder, diferente da estratégia, que é organizada pelo postulado de um poder (CERTEAU, 2003, p.101). Se, segundo Certeau, a estratégia postula um lugar como próprio e constrói uma base para gestão de suas relações com a exterioridade a tática só tem por lugar o do outro. Ela insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Não dispõe de base para capitalizar os seus proveitos. Pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigília à espera da oportunidade.

Na tática a arte de dar o golpe é o senso da ocasião. A tática é a arte do fraco e este pode tirar partido de forças que lhe são estranhas. Espera de momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos. As invenções táticas (edifícios, utensílios, roupas, móveis, sinalizações, etc) produzidas pelos habitantes das favelas, das ruas, dos locais desprovidos de status financeiro que possibilitam a compra de objetos de design, são costumeiramente consideradas marginais pelas autoridades do design e da arquitetura, e estão, quase sempre, excluídas das referências oficiais da cultura de um lugar. As engenhosidades, muitas vezes chamadas de gambiarras, construídas a partir da necessidade, não são planejadas, nem pesquisadas, nem aprovadas por normas, apenas desenvolveram táticas eficazes para sobrevivência numa situação onde a população é carente de recursos para adquirir produtos industrializados e novos, ou para construir casas projetadas e dentro das normas da cidade oficial.

Para Certeau, há no homem comum e anônimo um homem extremamente inventivo, considerado herói comum, caminhante inumerável que se difere dos nomes próprios, e produz num ambiente de cultura ordinária onde a ordem é exercida por uma arte de fazer. Há uma economia do dom, uma estética de lances, um estilo de invenções técnicas, uma ética da tenacidade. O autor parte do interesse, não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações de desvio dos produtos por uma prática inovadora dos seus usuários. Estas seriam maneiras ou modos de fazer diferentes que marcam socialmente o desvio operado em alguns produtos por uma prática, criações anônimas e perecíveis que surgem instantaneamente e não se capitalizam. Há nestas práticas uma inversão de perspectiva que desloca a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos para a criação anônima que nasce da prática do desvio no uso destes.

“Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos.” (CERTEAU, 2003, p.13)

O que interessa a Certeau são as operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes que manipulam materiais e produtos a partir da bricolagem e da inventividade artesanal. Interessa os movimentos de micro-resistências, que fundam as micro-liberdades e deslocam as fronteiras das relações hierárquicas de poder sobre a multidão.

Seguindo a trilha deixada por Michel Foucault, Certeau vê nos dispositivos inventados uma vampirização das instituições que reorganizam clandestinamente o funcionamento do poder, ou seja, uma atuação microfísica do poder. O autor detecta, já nos anos 60, a importância de pesquisas destes outros modos de utilizar produtos consumidos de forma subversiva e curto-circuitam as encenações institucionais.

“A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos impostos por uma ordem econômica dominante.” (CERTEAU, 2003, p.39)

Porém, mais do que o homem comum, que habita anonimamente as cidades e o campo, desenhado por Certeau, este homem comum habitante das favelas, excluído do esquema oficial da cidade formal, extrapola a noção do consumidor criativo e detém uma enorme força inventiva para atuar no seu cotidiano. A partir da urgência para sobreviver, os habitantes das favelas produzem design e arquitetura de forma super inventiva, devido a imediaticidade que solicita improvisação – criação não planejada. A invenção nestas circunstâncias se torna “um acontecimento jubiloso, uma combinação singular, encontro, hibridação, novo agenciamento das relações entre forças, rearranjo. A invenção é uma pequena diferença introduzida no mundo e tem que ver com novas formas de cooperação que ela enseja.” (PELBART, 2003, p.113)

“A própria invenção é um acontecimento jubiloso, uma combinação singular, encontro, hibridação, novo agenciamento das relações entre forças, rearranjo. A invenção é uma pequena diferença introduzida no mundo(...) inventar é uma grande alegria. A alegria da invenção tem que ver com novas formas de cooperação que ela enseja. (...) A alegria tem que ver com agir conjuntamente.” (PELBART, 2003, p.113)

Poderíamos mesmo afirmar que as invenções táticas praticadas praticada pelos homens ordinários das favelas, sem pretensão de arte, são resultado e processo constitutivos de novas formas de vida, belicosas e astutas, atuando como modos de subjetivação emergentes pelos excluídos do trânsito empregatício convencional das cidades formais.

“Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum.” (PELBART, 2003, p.23)

A produção de arquiteturas e engenhosidades cotidianas nas favelas – bricolagens de sucatas e restos da cidade formal - não são consideradas arte no sentido clássico do termo. Não há vontade artística e nem intenções nitidamente estéticas como têm os arquitetos e artistas. Os favelados que constroem seus barracos nas favelas o fazem com o único objetivo de abrigar sua família (JACQUES, 2001, p.12). Há na favela um conjunto de vagabundagens eficazes, montagens e operações heterogêneas que compõem os patchworks do cotidiano através de inúmeros desvios de uso: gatos na rede elétrica; compra de objetos roubados; montagens de objetos, residências e equipamentos urbanos provindos de lixos e doações. Estas invenções desviantes, potência do homem comum, subversões pelos mais fracos, interessam cada vez quando pensa-se no que escapa ao poder. Estas são linhas de fuga que contém uma inteligência na inventividade latente no homem comum que habita as favelas que detém o poder da mobilidade tática dos fracos diante das estratégias calculadas dos fortes (instituições, governos, indústrias, etc).

Há, portanto, um desejo e uma necessidade para o universo do design atual de chamar a atenção para os recursos criativos dos fracos em sua rotina invisível dentro do esquema geral dos grandes discursos que abordam a estética como manifestação da arte do design (legitimados por escolas, universidades, galerias e crítica). O realmente atrativo destas micropolíticas do cotidiano, resistências fracas, é que está construída onde não se conforma a cultura hegemônica e divulgada de um lugar. Estas atravessam a vida cotidiana dos escondidos que continuam ao lado de fora das histórias oficiais e representam as minorias marginalizadas. Enfim, existe aqui uma aposta na microanálise e no estudo do particular. “Trata-se de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os ‘detalhes’ do cotidiano.” (CERTEAU, 2003, p.41)

“Como detectar modos de subjetivação emergentes, focus de enunciação coletiva, inteligências grupais que escapam aos parâmetros consensuais, às capturas do capital e que não ganharam ainda suficiente visibilidade no repertório de nossas cidades?” (PELBART, 2003, p.39). Na tentativa de responder a esta questão, a intenção foi traçar aqui uma microcartografia de pequenas táticas de sobrevivência no cotidiano de *homens comuns e sem qualidades*.

O design marginal produzido pelos habitantes das favelas são como um grande leque de estratégias e táticas de sobrevivência que criativamente dão soluções aos problemas do cotidiano de quem tem poucos recursos financeiros e está, muitas vezes, excluído do mercado produtivo capitalista contemporâneo. Percebe-se que a partir da urgência para sobreviver, os habitantes das favelas produzem design e arquitetura de forma super inventiva, devido a imediaticidade que solicita improvisação – criação não planejada.

Há também uma tentativa de introduzir questões que surgem a partir da forte presença das favelas no contexto das grandes cidades atuais, e sugerir que há uma urgente necessidade de novos procedimentos de mapeamento do cotidiano destes lugares que contêm uma lógica outra, nômade através de micropolíticas investigativas e teóricas. Existe uma aposta na possibilidade de se pensar as favelas como participante precioso e ativo da cultura nas cidades contemporâneas, entendendo-se cultura como produção, também, de vida cotidiana e incorporando no campo da produção cultural das cidades.

\*

Por fim, estes textos foram escritos para constituir duas partes do relatório de pesquisa realizada na Universidade FUMEC em 2001 e 2002 denominada *Táticas de Sobrevivência* que propôs construir um manual ilustrado como um catálogo de inventos do cotidiano**.** Aequipe de pesquisa participou durante quase um ano (2002) da vida íntima dos moradores da vila Ponta Porã, o que significou uma apreensão de formas estranhas aos moradores da cidade formal, mas formas muito singulares de habitar dos favelados, embrenhados e ao mesmo tempo vivendo às margens da cidade oficial, construindo um universo mágico de “gambiarras”, uma multidão de inventos do cotidiano. O objetivo geral desta pesquisa era tornar visível a um número maior de pessoas alguns procedimentos pouco convencionais - composições inesperadas, trabalhos artísticos não projetados - adotados na produção de um *design sem desenho* e que isto pudesse incitar também novos processos de criação de design, arte e arquitetura.

\*

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano.** 1.Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.

PEREIRA, Gabriela de Gusmão. **Rua dos Inventos: ensaio sobre desenho vernacular**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 2002.

HARDT, M., NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Multidão.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

JACQUES, P. B. **A estética da ginga**. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

PELBART, P. P. **Vida capital**. Ensaios de biopolítica. Ed. Iluminuras: São Paulo. 2003.

RENA, N. S. A. . **Coleção 9 + 1.** Belo Horizonte: Editora Faculdade de Engenharia e Arquitetura FEA - Universidade FUMEC, 2008.

\_\_\_\_\_\_. **Territórios aglomerados**. Belo Horizonte: Universidade FIMEC, 2010.

RENA, N. S. A. (Org.) ; PONTES, J. (Org.) . **ASAS - Artesanato Solidário no Aglomerado da Serra.** Belo Horizonte: Editora Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC, 2009.

1. Para Gilles Deleuze e Félix Guattari, o rizoma, ao contrário da árvore, dá-se de forma desordenada e não hierárquica, faz-se num crescimento horizontal e na superfície, proporcionando uma entrada na realidade, sem portas preestabelecidas. O rizoma não admite normas regulares e desenvolve-se de nó a nó, de tema a tema, de conceito a conceito, aleatoriamente. Traçar um percurso rizomático seria estar sempre *entre* e, assim, destituir o fundamento, a ontologia, anular o começo e o fim, desenvolver pensamentos como ervas na superfície, livres, adquirindo velocidade. [↑](#footnote-ref-1)
2. “No Brasil, enquanto a população rural diminuiu anualmente em 1,31% na última década, a população urbana cresceu a uma velocidade de 2,47% ao ano. Em meados dos anos 90, 88% dos brasileiros da região sudeste habitavam as cidades. Em 2000 a população de Belo Horizonte atingiu a casa de 2 milhões e 200 mil habitantes, e uma densidade demográfica de quase 6 mil e 500 habitantes por quilômetro quadrado. Aproximadamente 25% daquele contingente moravam em vilas e favelas.” BARROS in: *Guia Cultural das Vilas e Favelas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Rona Editora, 2004. P.14. [↑](#footnote-ref-2)
3. Para efetivar as intervenções do estado em algumas favelas de Belo Horizonte, foram criadas também as ZEIS – Zonas Especiais de Interesse Social – na Lei de Uso e Ocupação do Solo de 1996. “São ZEIs as regiões nas quais há interesse público em ordenar a ocupação, por meio da urbanização e regularização fundiária, ou em implantar ou complementar programas habitacionais de interesse social, e que se sujeitam a critérios especiais de parcelamento, ocupação e uso do solo, subdividindo-se em categorias, sendo: ZEIS-1, regiões ocupadas desordenadamente por população de baixa renda, nas quais existe interesse público em promover programas habitacionais de urbanização e regularização fundiária, urbanística e jurídica, visando a promoção da melhoria da qualidade de vida de seus habitantes e a sua integração à malha urbana.” [↑](#footnote-ref-3)